

Meu primeiro poeta foi Manuel Bandeira. Tinha 16 anos em 1956, quando meu pai me deu um disco onde, no lado A, Bandeira dizia seus poemas com sua voz pigarreante e no lado B, Carlos Drummond de Andrade com sua voz datilográfica fazia o mesmo. Bem, esse disco continua tocando até hoje, ininterrupto, cada vez melhor.

Não me lembro, 61 anos depois, se eu o pedi de presente ou se papai me deu por ter percebido em mim um interesse em ler poesia. O fato é que eu ou ele – nós dois – acertamos em cheio.

Poesia é para mim o destino da minha vida e o meu mentor inicial foi o poeta de Pasárgada. Melhor: ele me ensinou que há uma Pasárgada em cada um de nós; o que nos cabe é descobri-la, apaixonadamente.

A leitura de Bandeira me dá alento sem fim. Fiquei muito contente de saber que meu querido Antonio Candido sentia, como eu, que, quanto mais o tempo passava, mais gostávamos do que líamos, compreendíamos melhor a vida, suas benesses e percalços, e ele vinha ao nosso socorro, nos acompanhava quando escrevia:

Mas para quê
Tanto sofrimento,
Se nos céus há o lento
Deslizar da noite?

Mas para quê
tanto sofrimento,
Se lá fora o vento
É um canto na noite?

Mas para quê
Tanto sofrimento,
Se agora, ao relento,
Cheira a flor da noite?

Mas para quê
Tanto sofrimento,
Se o meu pensamento
É livre na noite?

Quando Cleonice Berardinelli levou os originais do meu primeiro livro, em 1963, *Palavra*, ao poeta maior, que cismava em se dizer menor, injusto consigo mesmo, Manuel Bandeira como que se materializou naturalmente sem nenhum pedido meu; só ele, que eu amava tanto, podia me avaliar com rigor e graça.

Pedi a meu pai para ir comigo à casa do poeta, pois não tinha coragem de ir sozinho; pedi que fôssemos de bonde para que eu me acostumassem devagar à expectativa do que iria ouvir e definiria minha vida. Depois do seu agrado, no dia 18 de julho de 1963, às três e pouco da tarde, eu me acreditava crescendo pela primeira vez. Bandeira me puxava para cima e me soltava no mundo.

Ele nos recebeu muito chique. Camisa branca, gravata de cor escura, calça cinza e sapato preto muito bem engraxado. Vestia um *veston* cor de vinho que o protegia do dia frio. A conversa foi longa e deliciosa: falamos de música, de arte moderna e de... Rimbaud. Na verdade, ele e meu pai falavam, eu escutava e dava pouquíssimos apartes. Estava encantado com tudo: o pequeno apartamento forrado de livros. As estantes acolhiam duas fileiras de volumes, sendo que os de trás ficavam mais elevados pois havia um pequeno degrau que tornava possível a leitura da lombada que os identificava.

Pude revisitar aquele apartamento admirável quando vi o filme, uma autêntica obra-prima do cinema brasileiro, de Joaquim Pedro de Andrade, *O poeta do Castelo* de 1959, mas que eu assisti somente em 1964. Vi o poeta abrindo sua janela de manhã, indo buscar a garrafa de leite no empório, fazendo o seu café, falando ao telefone, batendo à máquina, saindo de casa, comprando jornal, muito bem posto no seu terno cinza. Era comovente ver aquele homem importante vivendo frugalmente, solitário, mas de riso aberto inesquecível sempre que preciso, tendo por companhia eterna sua maravilhosa poesia.